

## O ensino da Cancerologia

ANTONIO PEDRO MIRRA<sup>1</sup>, ANTONIO ANDRÉ M. PERDICARIS<sup>2</sup>

**Unitermos:** Ensino — Cancerologia.

**Key words:** Education — Cancerology.

**RESUMO** — O ensino da Cancerologia deve ser realizado em dois níveis: graduação e pós-graduação. No nível graduação, os alunos devem receber um mínimo de conhecimentos básicos e gerais, distribuído em três ciclos: básico ou pré-clínico (2º e 3º anos), clínico (4º e 5º anos) e internato. A integração interdisciplinar pode auxiliar muito o ensino da Oncologia nas escolas médicas. No nível pós-graduação, o ensino pode ter o caráter *stricto sensu*: especialização, aperfeiçoamento, atualização e residência. A residência deve ser considerada sempre um curso de pós-graduação. As sociedades médicas e hospitais especializados em Cancerologia devem ter papel importante no desenvolvimento deste ensino, com destaque para a pós-graduação *lato sensu*.

O ensino da Cancerologia, no contexto médico, deve merecer atenção maior do que tem sido dada até hoje<sup>(2)</sup>.

Os órgãos oficiais de ensino, as escolas e as sociedades médicas especializadas devem participar ativamente desse setor, de modo a se completarem, oferecendo maiores possibilidades de saneamento das lacunas existentes.

O ensino da Cancerologia deve ser realizado em dois níveis (quadro 1): A) graduação; B) pós-graduação.

A) *Graduação* — Os estudantes devem receber um mínimo de conhecimentos (básicos e gerais) em Cancerologia que permita ao médico recém-formado fazer o diagnóstico precoce, orientar corretamente o tratamento dos pacientes e colaborar na luta contra o câncer.

O ensino da Cancerologia deve ser efetivo, dinâmico e obrigatório. Avaliações realizadas em 1976 e 1985 mostraram que esse ensino é insuficiente e não sistematizado, caracterizado por um enfoque menor, uma falta de integração multidisciplinar, uma transmissão de informações incompletas e às vezes conflitante pelas diversas dis-

ciplinas ou departamentos e um reduzido treinamento clínico<sup>(3)</sup>.

Esse ensino deve ser distribuído em três ciclos: básico ou pré-clínico (2º e 3º anos), clínico (4º e 5º anos) e internato, estabelecendo as seguintes competências:

- Conhecimento dos processos vitais das células normais e patológicas (metabolismo, ciclo vital, características de crescimento), estabelecendo diferenças básicas entre elas;

- Conhecimento dos principais fatores carcinogênicos que afetam os seres vivos (químicos, físicos e biológicos), principalmente o homem, inter-relacionados com o genótipo, identificando grupos e situações de risco;

- Ênfase às possibilidades dos métodos citopatológicos para diagnóstico na metodologia propedêutica;

- Possibilidade de selecionar e distinguir os sinais ou sintomas de suspeita, visando a seleção de pacientes para comprovação diagnóstica (fase precoce ou pré-clínica);

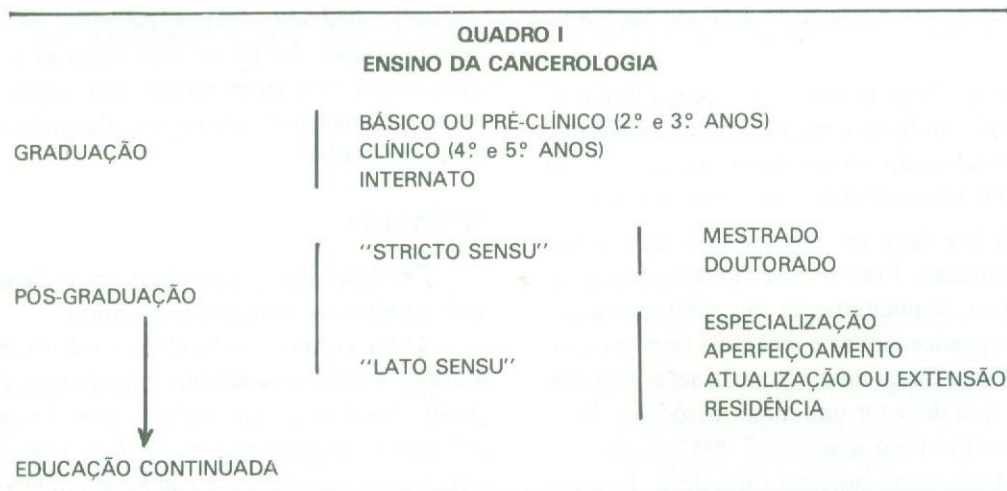
- Habilidade para escolher e reconhecer simples procedimentos de diagnóstico e estadiamento para os tumores mais frequentes;

- Habilidade para identificar as características indicadoras de prognóstico e justificação da terapêutica multidisciplinar (é de suma importância o conhecimento dos diferentes estádios da doença, para encaminhamento seguro dos pacientes às unidades especializadas);

Trabalho realizado pelas Comissões de Educação Profissional e de Ensino da Sociedade Brasileira de Cancerologia e no Departamento de Cirurgia Torácica do Hospital A.C. Camargo da Fundação Antônio Prudente. Aprovado para publicação em 17/9/87.

1. Presidente da Comissão de Educação Profissional; Diretor do Departamento de Cirurgia Torácica.

2. Presidente da Comissão de Ensino.



- Adoção de visão pragmática das repercussões psicossociais e econômicas da doença, com ênfase na reabilitação e cuidados ao paciente terminal;
- Motivação para educação sanitária (saúde coletiva), com estabelecimento do seu papel na epidemiologia e no curso da história natural da doença, em âmbito comunitário, ambulatorial e hospitalar;
- Estímulo à educação continuada nesta área, com vistas às necessidades de ampliação e integração do programa nacional de combate ao câncer, em níveis de pós-graduação.

A participação de oncologistas pertencentes às escolas e convênios com instituições especializadas oficiais ou privadas (tais como Instituto Nacional do Câncer e Fundação Antônio Prudente) devem ser estimuladas, a fim de se atingir o aprimoramento tão desejado do ensino da Cancerologia.

B) *Pós-graduação* — A pós-graduação médica em Cancerologia, que deve ocorrer após o término do curso médico, pode ter caráter *stricto sensu* (acadêmico) e *lato sensu* (profissionalizante)<sup>(4)</sup>.

A *pós-graduação "stricto sensu"* oferece cursos que propiciam a conquista de graus acadêmicos, indispensáveis ao ingresso e ascensão na carreira universitária e na docência (mestrado e doutorado).

O curso de mestrado em medicina (duração mínima de um ano) deve ser recebido com reservas, pois teve como modelo o *Master* e o *Ph.D.* das escolas americanas, que se relacionam apenas a assuntos básicos.

O médico em exercício não faz o *Master*, a não ser em assuntos relacionados com a saúde pública; o *Ph.D.* em medicina é em geral restrito também a assuntos médi-

cos básicos, como anatomia, fisiologia, bioquímica, patologia, etc. Assim, o mestrado deverá, no entender de alguns, desaparecer em medicina, num futuro próximo<sup>(1)</sup>.

O curso de doutorado, com duração de dois anos, em que o candidato, em dedicação exclusiva, confeccionará e defenderá sua tese, deve ser o verdadeiro curso para os que se destinam à carreira universitária ou à docência.

Estes cursos acadêmicos (*stricto sensu*) não podem prescindir de uma sólida base de formação profissionalizante (*lato sensu*), pois numa área altamente técnica o docente pesquisador deve ser um excelente especialista. Estes cursos devem ser dirigidos para pequeno número de especialistas, com destaque científico, cultural e docente. Portanto, são bem restritos.

Atualmente os inconvenientes da pós-graduação *stricto sensu*, segundo Tolosa<sup>(5)</sup>, são: 1) existência de grande número de alunos sem vocação para a docência e pesquisa; 2) legislação centralizada e defasada da realidade; 3) ausência de condições econômicas para dedicação total às atividades de pós-graduação; 4) inexistência de linhas de pesquisa.

A *pós-graduação "lato sensu"* é essencialmente profissionalizante, devendo permitir uma especialização ao médico que na realidade é o que lhe interessa e o valoriza. Neste grupo são incluídos os cursos de especialização propriamente dita, aperfeiçoamento, atualização ou extensão e residência.

Os cursos de especialização propriamente dita podem ter duração variável (dois a cinco anos), com um mí-

nimo de 360 horas de atividades e geralmente em tempo parcial.

Os cursos de aperfeiçoamento se referem a um aprimoramento na especialidade, com duração de 180 horas, enquanto o de atualização ou extensão (duração de 24 horas), a uma modernização dos seus conhecimentos.

A residência é e deve ser considerada sempre um curso de pós-graduação. Ela é a base fundamental à especialização médica, implicitamente complementada por um curso teórico-prático (aulas e estágios) bem estruturado. O residente que busca uma especialização é na realidade um aluno que deve ter um curso metódico, disciplinado e rigoroso (mínimo anual de 2.000 horas), com duração de dois a três anos, pois, na falta deste, leva-o a um autodidatismo. Residente não é um médico plantonista; é um médico que busca uma especialização, em tempo integral, com dedicação exclusiva e, se possível, residindo no próprio hospital.

Residência como complementação simples do curso médico não se justifica no Brasil, onde o internato tem esta finalidade e faz parte do *curriculum* de graduação. Através da residência pode-se incentivar os cursos de pós-graduação *stricto sensu*<sup>(6)</sup>.

A Associação Médica Brasileira, através da Sociedade Brasileira de Cancerologia, deve exigir o certificado de residência médica, como um dos principais requisitos aos candidatos a título de especialista.

Todos esses cursos são de reciclagem ou de educação continuada que abrange uma série de atividades, como congressos, visitas, viagens, prêmios e publicações.

Um médico ao se graduar e ao optar por uma pós-graduação está buscando, em realidade, uma especialização, seja de "internista ou generalista" ou de "cirurgia geral" ou de uma especialidade qualquer (médica ou cirúrgica).

A especialização profissional é uma etapa entre os cursos de graduação e os programas de pós-graduação acadêmica (*stricto sensu*). A especialização bem estruturada terá em seu contexto os méritos de um bom mestrado atual e servirá de base para um doutorado eventual.

Em Medicina, deve-se valorizar os bons cursos de especialização. As sociedades médicas e hospitais especializados (em Cancerologia) têm papel importante no desenvolvimento destes cursos, devendo dar destaque a essas atividades.

### SUMMARY

*The teaching of Oncology must be done in two levels: graduation and postgraduation.*

*At the graduation level the students must get a minimum of a basic and general knowledges, distributed in 3 cycles: basic or preclinical (2<sup>nd</sup> and 3<sup>rd</sup> grades), clinical (4<sup>th</sup> and 5<sup>th</sup> grades) and internship. The interdisciplinary integration may help the teaching of Oncology.*

*At the post-graduation level the teaching may be as "stricto sensu" (master and doctorship) or "lato sensu" (specialization, refresher, updating and residence courses).*

*The residence may be consider a postgraduation course.*

*The Oncology specialized hospitals and medical societies must have an important role in the development of this teaching, mainly in the "lato sensu" level.*

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CANELAS, HM A pós-graduação na qualificação do médico: carisma. Formação Med. 1: 11-20, 1980.
2. MIRRA, AP Situação atual da cancerologia no Brasil. Acta Oncol. Bras. 6: 4-6, 1986.
3. PERDICARIS, AAM et al Ensino da cancerologia no curso de graduação em medicina. Rev. Bras. Cancerol. 31: 174-176, 1985.
4. ROCHA, H Acertos e desacertos da reforma universitária. In: IV Simpósio Nacional de Pós-Graduação nas Áreas das Ciências da Saúde. Belo Horizonte, UFMG, 1978.
5. TOLOSA, EMC Pós-graduação "stricto sensu": considerações sobre 10 anos de implantação do sistema da Faculdade de Medicina. Rev. Paul. Med. 100: 35-39, 1982.
6. \_\_\_\_\_ Pós-graduação na Faculdade de Medicina da USP: avaliação institucional. In: Anais do Simpósio Nacional de Pós-graduação na Área Médica. Rio de Janeiro, MEC/CAPES, 1984.